

O QUARTO COMPROMISSO

RICARDO ESHER

O QUARTO COMPROMISSO

Miró
EDITORIAL

2017

Copyright © 2017, 1ª edição
Ricardo Esher
Copyright © 2017 – Miró Editorial

Produção Editorial
Miró Editorial

Editor
Márcia Lígia Guidin

Capa, projeto gráfico e tratamento de imagens
WK Comunicação

Preparação de texto e revisões
Cecília Madarás, Michelle Silva

Impressão e acabamento
Gráfica Forma Certa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E73q Esher, Ricardo

1.ed. O quarto compromisso / Ricardo Esher. 1.ed. –
São Paulo: Miró Editorial, 2017.

ISBN: 978-85-92721-01-5

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas. I. Título.

CDD 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Relatos de viagens 910.4

ISBN 978-85-92721-01-5

Para adquirir esta obra, entre em contato com:
vendas@companhiadecanoagem.com.br
editorial@miroeditorial.com.br

Esta obra está também em versão E-book

Todos os direitos reservados
Miró Editorial Ltda.

The logo for Miró Editorial features the name 'Miró' in a stylized, handwritten-style font. Below it, the word 'EDITORIAL' is written in a smaller, all-caps, sans-serif font. A thin horizontal line is positioned between the two text elements.

Rua Oscar Freire, 836/121.
CEP 01426-100 – São Paulo – SP
Tel. (55) (11) 3063-3390
www.miroeditorial.com.br

*Se desejarmos a amizade de uma pessoa digna,
precisamos desenvolver em nós as mesmas qualidades.
que naquela pessoa admiramos.*
(Sócrates)

*À Maria Erminda, esposa, amiga e
fonte inspiradora de mil poemas.*

*Aos verdadeiros amigos que passaram pela minha vida
e deixaram suas indeléveis marcas.*

Sumário

Introdução	11
Parte 1 – Memórias	29
1 <i>Religiosidade</i>	32
2 <i>Ubatuba – Um sonho</i>	47
3 <i>O meu amigo</i>	65
4 <i>Vida Universitária</i>	71
5 <i>Espondilolistese</i>	92
6 <i>Bodas de Ouro</i>	112
8 <i>Modernidade</i>	126
9 <i>Um pouco de Política</i>	135
10 <i>Oitenta anos</i>	144
Parte 2 – Divagações	159
12 <i>Lições de Picadeiro</i>	162
13 <i>Um fio de esperança</i>	167
14 <i>Aleitamento</i>	170

15	<i>Rosa- Mulher</i>	175
16	<i>O Escultor</i>	179
17	<i>Falta de Inspiração</i>	187
19	<i>Nuvem</i>	197
21	<i>O Amolador de Facas</i>	210
23	<i>A Semana</i>	218
25	<i>Música e Drogas</i>	235
26	<i>Uma receita caseira</i>	243
27	<i>U-ga-bu</i>	248
28	<i>Cães</i>	260
 Parte 3 – Poemas Soltos		279
 Parte 4 – Cartões de Natal		295
 Epílogo		307
 Referências Bibliográficas		309
 Agradecimentos Finais		313

Introdução

Dizem que o homem, para completar sua missão na Terra, deve ter tido um filho, plantado uma árvore e escrito um livro.

Quanto ao filho, gerá-lo é uma função prazerosa, não se despendem grandes sacrifícios. Pelo contrário. Segue-se o mais difícil, educá-lo e torná-lo respeitável. A preocupação com a continuidade da espécie humana deixa de ser dos pais, passa a ser dele. Nossa parte foi feita. A ele caberá a responsabilidade de garantir a sobrevivência das futuras gerações.

O bastão foi passado.

A corrida para o infinito continua em outras mãos.

Árvore, sem ela a sobrevivência de toda espécie, não só a humana, mas a animal estaria comprometida. Plantá-la também é uma atividade prazerosa, além de não exigir sacrifícios. A semente que se planta é um processo similar à geração de um filho. Planta-se uma semente ou uma muda em qualquer canto disponível e garantimos o futuro de todos. É um compromisso simples, não precisa de competência nem de tempo, basta ter boa vontade.

O grande desafio é o livro. Se todo homem depender de completar essas três realizações para estar com suas obrigações em dia, na hora do acerto final, sem dúvida haverá muitos devedores.

E agora pergunto: Só o homem tem esta responsabilidade perante sua existência? A mulher estará livre desses compromissos?

Vejamos: é ela a grande geradora; plantar uma árvore como já vimos não exige grandes esforços e, com competência, tempo e vontade escreve-se um livro, assim eu pensava.

Se a capacidade de escrever for proporcional à capacidade de dialogar, todas as mulheres estão aptas a se tornarem escritoras.

Portanto, acredito que elas não deveriam se livrar dessas obrigações. Por que só a nós, homens, cabe cumprir estes compromissos perante a Lei Universal?

Supõe-se que, ao se cumprir uma obrigação, haja o merecimento do prêmio. Reforçando, o prêmio é o reconhecimento do mérito. A coroa de louros dos heróis. Imaginemos então que para ascender aos céus precisamos cumprir os três itens acima sugeridos. Caso elas fiquem desobrigadas, não terão direito ao prêmio celestial? Perdem o direito de irem para lá?

E como ficaremos nós homens lá em cima sem elas? Seguindo este raciocínio, por via das dúvidas, satisfiz à obrigação do último item a tempo, na derradeira hora.

Espero que elas também cumpram com estas obrigações, e da maneira a mais eficiente.

Vai que a hipótese de nós homens ficarmos sozinhos lá em cima seja verdadeira! Céus!

O filho

Estamos enfrentando a velha e milenar preponderância masculina de generalizar, indicando ambos os gêneros no masculino. Quando falamos que o primeiro compromisso é ter um filho, significa também que ter uma filha é uma variante da opção, a não ser descartada. Perceba que ela foi por definição eliminada, simplesmente por um hábito pré-histórico. Consulte a Bíblia, veja que até lá a presença masculina é predominante.

Ter um filho nos traz uma enorme satisfação. E ter uma filha, por acaso não gera a mesma alegria? Portanto, não vou cair neste erro primário de me restringir só ao termo “filho”. Chega de erros já cometidos durante toda a vida, sem chance de retorno. Na verdade, ao escrever um livro estou procurando me redimir dos desacertos voluntários ou não, e garantir minha estadia eterna em algum lugar aprazível. Cumpri minha obrigação, quero a recompensa. Se possível com minha mulher.

Afinal, ela e eu geramos três filhas e um filho. Além do mais, o filho foi o último que chegou, após uma procura incessante. Neste caso particular, preponderância feminina. Ou será

que foi o desespero de ter um filho que justificasse o primeiro dos três compromissos do homem que nos levou à insistência? Dessa forma, justifico-me perante minhas filhas.

Quero que elas entendam que a necessidade de ter um filho era apenas a prova de que eu precisava para cumprir minha obrigação quanto ao primeiro item dos compromissos relacionados no intróito desta obra.

Quatro descendentes, um exagero desmedido nesta época de superpopulação mundial. Uma perigosa contribuição para o superpovoamento de nosso planeta, algo fora de cogitação para os profissionais especializados em gráficos e estatísticas. Ficariam horrorizados. Segundo eles, chegará um momento em que a produção de alimentos não será suficiente para nutrir toda a população global. Vale lembrar que um terço dos viventes do planeta Terra já passa fome ou vive em condições sub-humanas. Não quero ser o único responsável quando os outros dois terços forem atingidos, nem estar vivo para presenciar tal hecatombe. Seguramente já terei garantido meu lugar entre serafins e querubins. Nada como ser otimista.

Assim quando me referir a filho/as, irei me restringir usando para defini-los o termo: prole. Uma maneira de não magoar o sexo oposto, principalmente as três filhas, e além delas, a sua mãe. Não custa evitar problemas. Afinal, meu filho e eu pertencemos à minoria local.

Desta forma, fica claro que tivemos uma prole de quatro, mais que suficiente para errar, corrigir, aprender e educar. Aprende-se mais com as filhas do que com o filho. Tivemos mais aprendizados com filhas, pois fomos mais enérgicos com elas. Sobras de uma educação centenária conservadora. Outra influência milenar. Mas entre erros e acertos predominou a vontade de transformar esta prole em verdadeiros seres humanos. Uma prole responsável, honesta, trabalhadora, com princípios éticos e morais. Que sabe tratar os nossos semelhantes com generosidade, respeito e isonomia, independente de seu grau social ou etnia. Espero que tenham descoberto que o

mérito de possuir essas qualidades não é exclusividade deles. Temos certeza de que também somos responsáveis por eles serem assim.

Aquilo que popularmente é chamado de exemplo. Não temos queixas, cremos ter atingido o objetivo.

Ter uma prole é pensar no passado, presente e futuro. De onde viemos, quem somos, para onde vamos. É o receber de um componente genético, utilizá-lo e transferi-lo. Avô/Avó, Pai/Mãe, Filho/Filhas, em sequência, sem pensar em idade ou gênero, contribuindo cada um desses seres com sua parcela cromossômica para moldar um indivíduo em formação.

É a forma de transferir um DNA pequenino, envolto em rica matéria orgânica para a posteridade. É o transferir de uma herança de geração em geração, para que a matéria física e os princípios comportamentais permaneçam vivos e se eternizem, carimbados por características familiares.

Um caminhar que deixa fortes rastros impressos pelo caminho. Um dia essas pegadas serão identificadas e passarão a ser exemplos seguidos por pequenos pés indecisos, vacilantes, mas crescerão fortes, competentes, decididos, e terão que aprender como nós, com seus erros e acertos, e então contribuir para o sucesso das fases seguintes. E assim se repetirá a cada geração. É o ciclo vital inadiável. Filho transporta uma semente. Filha é a terra fértil, neste caminhar multiplicador sem fim rumo ao interrogado.

A Prole e a Árvore. Semelhanças. O livro é o documento e a prova evolutiva do aprendizado.

Cada um da prole não é nossa cópia perfeita. Talvez em algumas parecenças físicas, mas não idênticos em comportamento. É um ser que chega com algumas das características fisionômicas herdadas dos pais (outro exemplo de predominância masculina, pai e mãe definidos no masculino), indefeso, inexperiente, pronto para receber nossos ensinamentos e conselhos. Porém, nem sempre disposto a aceitar nossas imposições e implicâncias. Tratamos este ser eternamente como um aprendiz, imaginando que se tornará um discípulo permanente e fiel, e uma cópia nossa perfeita.

Até descobrirmos, com o tempo, que ele recusa, de forma rebelde, o aconselhamento que gostaríamos que fosse permanente.

Adquire grandes e inesperados defeitos, para nós insuportáveis: personalidade, independência, experiência e sabedoria para decidir o que é melhor para si. Este conjunto de características individuais vai se fortalecendo com o passar do tempo e é determinante para forjar seus pontos de vista.

E o mais importante, passa a discordar da nossa maneira de ver e ser! Uma atitude totalmente imprevista, desagradável e lamentável. O trauma da criança transfere-se e passa a ser o trauma dos pais por não poderem mais participar de suas decisões!

É outra vida que agrega exemplos e ensinamentos tanto familiares como externos, além dos concebidos com o seu próprio aprendizado e experiência. Ao final, assume responsabilidade pelos seus acertos e erros, e passa a gerir seu próprio caminho. Age de acordo com sua maneira de ser.

Restam os ensinamentos, mas sua opinião é predominante. Então chega o momento em que este ser se torna adulto independente, escolhe o companheiro/a que lhe convém, casa, constitui família, e inicia um novo ciclo de vida. Procriam e ensinam.

E para nossa grande satisfação, e por que não felicidade, vemos que independente da personalidade de cada um, muitas das regras e hábitos aprendidos, e renegados por eles quando jovens, passam a ser exercidos nas suas próprias casas.

Talvez seus filhos/as ainda não entendam tal atitude. Um dia vão casar e perceber o velho e inevitável caminhar da existência.

O tempo em sua sabedoria saberá como instruí-los.

Não há como escapar.

A árvore

Não plantei uma. Plantei muitas.

Entre as várias experiências que a vida me proporcionou, uma das mais interessantes foi aquela oferecida pela propriedade

rural. Só tenho que elevar os braços e agradecer pelo usufruto. Lá se aprende a conviver com o ser humano, simples, porém matreiro, pois ele descobre que a sobrevivência no campo é bem mais difícil que a vida na cidade. Na cidade, temos uma atividade remunerada com recebimento certo ao final do mês, seja fixa por salário ou variável por honorários. O campo não oferece esta segurança. Fica-se na dependência de fatores climáticos, nem sempre favoráveis, independentes da vontade do homem ou de sua capacidade de trabalho.

Quando adquirimos uma propriedade rural, chegamos lá e imaginamos ser competentes e preparados para a atividade campestre e com inúmeros projetos. Adquirimos na profissão que exercemos o hábito de estudar, pesquisar informações, consultar livros. Enfim, nos preparamos para a nossa atividade. Da mesma forma, quando enfrentei a responsabilidade rural procurei me preparar como se fosse uma nova profissão, usando os mesmos hábitos de estudo. Se necessário indo até o Instituto Agronômico de Campinas, onde consultei profissionais da área, frequentei a biblioteca, xeroquei artigos referentes ao que queria cultivar, colhi terra para análise e, após ter o resultado, repus os sais minerais necessários. Foi tudo o que fiz com relação ao plantio, quando decidi cultivar uvas niágara, uma variedade de uvas de mesa. Lá estava um parreiral que plantei, à espera desses recursos.

O colono não tem o conhecimento necessário para coletar informações técnicas. Trabalha com informações transmitidas por gerações, não se atualiza, mas entende como tratar a terra. Eu não tinha a prática para manipular a plantação, mas levava o conhecimento recém-adquirido através do estudo. Foi uma associação muito proveitosa. Conseguíamos produzir por unidade de área mais do que os vizinhos, que permaneciam com suas técnicas tradicionais de décadas. Como nós, eles têm suas certezas e não admitem mudanças.

Acrescento aqui um comentário oportuno. Após um ano de plantio das mudas das parreiras, faz-se a enxertia do tipo de

uva que queremos produzir. No ano seguinte essas mudas estão aptas a produzir. É o momento de se fazer a poda dos ramos, o que garante uma melhor produtividade. Nesta ocasião, recorri à experiência de um ex-caseiro, habituado a essa tarefa. Era julho e ele aconselhou a não realizar a poda naquele momento, pois corria o risco de ocorrer uma geada durante o mês de agosto e queimar todos os brotos novos, afetando a produtividade da safra. Insisti que fizesse a poda assim mesmo, e eu assumiria a responsabilidade.

Contudo, existe um período de cinco meses entre a poda e a colheita. No meu cálculo, sendo feita em julho, a colheita seria em meados de dezembro, vésperas das festas de fim de ano, quando os preços da uva atingem seu maior valor.

Não geou naquele ano e o resultado foi uma colheita excepcional. Vendi toda a produção, fazendo uma boa reserva para manter o sítio durante o ano seguinte.

Quem faz a poda em agosto ou setembro, terá sua colheita em meados de janeiro ou fevereiro. Resultado: queda de preço.

No ano seguinte, a mesma estória: não aconselharam podar, com medo de geada. Insisti, assumindo a responsabilidade. Não geou. Outra boa safra.

No terceiro ano, novamente no mês de julho, fui atrás do ex-caseiro convocando-o para a poda anual habitual. Não pôde fazer, pois estava podando o seu parreiral. Aprendeu a lição. Perdeu o medo de geada! E eu perdi o podador. Por sorte o meu caseiro atual já estava habilitado.

Quando se chega ao campo, acreditamos ter experiência e sagacidade. Pretendemos mostrar ao funcionário como tirar o máximo da terra. Damos ordens, ele trabalha. Isto faz que ele se torne habilidoso no contato conosco.

Quantas vezes, em uma troca de informações, recebi a afirmação do caboclo – que oferece o serviço ou a mercadoria – que, sendo eu “doutor da cidade”, tinha mais conhecimento e sabedoria que ele, um pobre interiorano.

Passava-se por humilde e despreparado. Enchia-me de vaidade. Era a armadilha trivial para envolver o orgulhoso cidadão e tirar algum proveito. Isto funcionou no início. A vaidade é o pior inimigo do homem.

Entre nesta provocação e estará a um passo da derrota. O caboclo sabe disto melhor que nós. Conhece o momento exato como utilizá-la a seu favor. O tempo e a necessidade de sobrevivência, como proprietário, me ensinaram. Mais tarde, percebendo a artimanha, consegui enfrentá-los com a mesma tática. Humildade na aparência, sagacidade interior. Passei a dar o mérito a que cada um tinha direito. Aprendi com o tempo a dar o valor que cada um merecia. Não era a intenção de ludibriá-los, mas sim de mostrar que já não era o tolo de antes. Partindo do princípio que toda negociação envolve respeito e vantagens bilaterais. Tenta agir usufruindo todas as vantagens, e com o tempo perderás o negócio e o amigo.

Talvez São Francisco pensasse assim. Funcionou, passei a ser respeitado. Obrigado, velho amigo Chico!

Dito isto, voltemos ao assunto árvores. Árvores e terra são íntimas. Têm uma dependência mútua. A terra fornece nutrientes para o seu desenvolvimento, a árvore, ao se desfolhar, os devolve em retribuição, enriquecendo-a. É uma relação simbiótica.

Plantei muitas, como disse. Não aquele pomar que sempre preparamos ao lado da casa de campo. Pode-se até contar algumas dezenas de árvores frutíferas. Quando se fala em muitas, fala-se em reflorestamento.

Influenciado por amigos bem-sucedidos nessa área, adquiri terras no município de Ribeirão Branco, no sul do estado de São Paulo, um pequeno município praticamente encostado na Serra do Mar. Uma área distante 300 quilômetros da cidade de São Paulo, agreste, montanhosa, não tão acidentada como uma serra, mas ondulada e com solo ainda pouco cultivado. Um município com baixa produtividade, ignorado pelo governo e, portanto extremamente barato na época. População pequena, o que significa poucos votos,

desinteressante politicamente aos governantes, que não se preocupavam em dotar de benfeitorias num local sem grandes possibilidades de retorno eleitoral. Mas a terra, quase virgem pelo pouco uso, de boa qualidade, vermelha, a maior parte dela quase intocada. Como diria o caboclo, “mantendo todas as vitaminas”. Boas águas, fruto de nascentes originadas no próprio terreno.

Região bastante atraente devido às boas condições para o plantio de *pinus heliotis*, um pinheiro originário do Canadá que já tinha se mostrado, por experiências anteriores, bem adaptável ao clima do Brasil. O terreno escolhido permitiu, pelos níveis de incidência de chuvas, alternância adequada de calor e frio; e, sendo uma terra preservada por não ter sido consumida por plantios quentes, possibilitou um bom crescimento do Pinus, três vezes mais rápido que na sua terra de origem.

Iniciei plantando 6 mil mudas como investimento inicial do projeto. Uma forma modesta para começar. Era compatível com a disponibilidade financeira que tinha na ocasião. A área total comportaria um total de 300 mil plantas.

Então, começaram os problemas. Mão de obra local péssima. Os habitantes locais eram descendentes de grupos étnicos indígenas. Ainda os imagino pertencentes ao período de caçadores-coletores. Habitados como bons índios a usufruir o que a natureza se lhes oferece. Não eram afeitos ao trabalho, não foram orientados para tal, não disfarçavam a indolência.

Foi oferecida uma parceria: plantariam os pinheiros e usariam os espaços fartos entre as mudas para cultivar suas roças, usufruindo o lucro integral. Ao carpir sua cultura, carpiriam o mato ao redor dos pinheiros. Entretanto, a terra fértil produzia mato vigoroso, brotando mais rápido que as pequenas mudas! Se não houvesse cuidado constante, o mato envolveria as mudas, impedindo o seu desenvolvimento inicial e distorcendo seu formato retilíneo. O pinus deve crescer retilíneo para que possa ser beneficiado nas serrarias e utilizado de forma adequada para móveis ou como material de construção.

A parceria não funcionou. A indolência os fez perder seu plantio e, como consequência, quase que perco o pinheiral.

A compra das mudas para eventuais reposições tornou-se difícil, pois o interesse por reflorestamento estava se alastrando naquela área de terra barata e boa. Consequentemente, uma luta para conseguir comprá-las. Preço subindo. Intermediários vorazes e desonestos que entregavam um número menor que o combinado. Plantio dependendo de orientação permanente, pois deveria haver uma disposição quase matemática na distância das mudas e na distribuição das fileiras.

Com tantos problemas locais, mais a distância que dificultava minha ida constante, a plantação ficou restrita aos 6 mil primeiros pés. Naquela ocasião, minha irmã, sócia nesta empreitada e com disponibilidade de tempo, resolveu enfrentar as dificuldades e assumiu o controle da área já plantada.

Não tivemos verbas e principalmente coragem para enfrentar as restantes 294 mil mudas.

A propriedade foi vendida cerca de dez anos após esse plantio. Guardo uma das mais belas imagens desta época. Os pinheiros com aproximadamente 8 a 10 metros de altura, seus troncos roliços e sólidos, retilíneos, bem formados.

Uma cena do amanhecer: lá no alto, as copas entrelaçadas não permitiam a passagem da luz, e o sol da manhã vindo do leste, ainda rasante, corria horizontal, rasteiro, por baixo das árvores iluminando o chão. No piso, milhões de pequenas espículas amarelas, secas, destacadas dos galhos dos pinheiros, formavam um tapete espesso, macio, que crepitava sob meu andar e cintilava um dourado vivo, abaixo do maciço verde escuro, refletindo o brilho do sol. Cena inesquecível. Quase me arrependo da venda! Gostaria de saber pintar para compor este quadro. Van Gogh teria apreciado este cenário.

Fica assim justificado o segundo compromisso de um homem. Na verdade, foi só após ter concretizado as duas primeiras obrigações, que vim a descobrir, muito mais tarde, a necessidade do terceiro item para a complementação de tal tarefa.

O Livro

Faltava um livro para cumprir os compromissos fundamentais de um homem. Esse terceiro item nunca esteve entre meus propósitos. Duvidava se teria a capacidade de escrevê-lo. Talvez somada a alguma insegurança. Certa ocasião foi-me dito que deveria escrever minha biografia, pela rica vida cheia de alternativas que passei. Não me convenci. Biografias mesmo que bem intencionadas não são totalmente honestas, supervalorizam os personagens, exibindo suas reais ou pretensas qualidades e esquecendo ou omitindo defeitos e faltas.

Heróis não são perfeitos. O ato do heroísmo é um acidente muitas vezes não programado e inesperado. É uma ação às vezes inconsequente, uma reação em geral instintiva que, dependendo do personagem, pode ficar valorizada entre más ações.

Malfeitores não têm biografias. Têm ficha criminal. Autobiografia, ainda pior. Não seria correto desvendar aos leitores tudo o que fiz de correto e positivo e ignorar todas as falhas seguramente cometidas. Lamento, mas não as tornarei públicas.

* * *

Nos meus 16 anos, havia uma vizinha bonitinha que desencadeava paixões em todos os garotos do quarteirão. Não fui imune. Eros, o pequeno grego, também me atingiu. Tinha a mania de flechar todos ao alcance de sua mira, sem distinção. Nasceu preparado para esta atividade, era a sua função. Ficava na nuvem lá do alto, distraíndo-se, atirando em quem lhe aproovesse, sem saber que o interesse de todos era só por uma única pessoa.

Por ela fiz o meu primeiro o poema. Escrito em uma tira longa de papel almaço, uma série de pequenos versos com rimas primárias quase infantis. Devo admitir: minha letra já era boa na ocasião, um motivo de esperança de sucesso na empreitada, porém, ao mesmo tempo um erro, pois facilitava a leitura dos versos malfeitos. Esta tira de papel era enrolada em dois finos cilindros de madeira, que quando girados em conjunto permitiam

deslizá-la para cima e para baixo, facilitando a leitura das lamentáveis estrofes.

Bom artesão, mau poeta.

Tirante a concorrência desleal, a menina era o que conveníamos denominar: “muita areia para meu pequeno caminhão”. Foi minha primeira e malsucedida tentativa como pretenso conquistador. As estrofes eram totalmente ridículas, rimas primitivas, e se a intenção era uma promissora conquista, ela não se configurou. Eros não havia flechado a bonitinha no coração. A garota usava um colete à prova de setas. Indignado, desprezei-a.

Claro, a poesia.

Estou agora na faculdade, uma cabeça um pouco mais arejada. Costumo ler, um hábito herdado de casa. Melhorei o vocabulário. O mau aluno de português procurou se corrigir em termos de concordância e gramática. Ainda não sou perfeito, seria pretensão demais. Já falei sobre vaidades, não vou insistir. Melhorei minhas rimas. Vivi intensamente. Aprendizados variados. E novas tentativas poéticas, algumas delas desengavetadas e editadas na Parte Três deste. Foi um período pouco profícuo.

De namoricos inconsequentes e sofrimentos sequentes.

Lá vem a tendência de rimas, que jamais me abandona.

O tempo passando, a maturidade chegando. Não se percebe a velocidade do tempo. Quando olhamos para trás, vemos que os anos se afastam já distantes. Tornam-se menores, quase indistintos. O importante é que não os percamos de vista, mesmo que a visão os torne baços e diminutos. São eles que nos ensinaram e nos orientam quanto ao futuro. Corramos atrás, tentemos recuperá-los.

Curioso, o tempo tem velocidades diferentes para cada caso.

Recentemente soube pela TV que um conjunto de rock – *Mamonas Assassinas*, que havia morrido num acidente de avião – comemorava agora vinte anos do seu infortúnio. Parecia-me ter ocorrido ontem. Então lembrei que um de meus netos

completaria na ocasião seus 20 anos de idade. Tinha nascido há tanto tempo!

* * *

E agora, enquanto ando nos meus exercícios matinais obrigatórios por motivo de saúde, aquela dorzinha ciática impertinente, vou observando curiosidades, pessoas e coisas, meditando e criando novas poesias. Volto para casa e as escrevo. Algumas servem, e serão aproveitadas nos textos que se seguirão. Outras desprezadas e eliminadas, e o cesto se locupletando de papel. Aí percebo que estou escrevendo poesias sobre fatos correntes, concretos, palpáveis. Às vezes, divagações que surgem do nada.

Do modo como vejo, do modo como sinto, do modo como amo. E surge a ideia de encontrar justificativas para cada poesia criada. Contar uma estória que dê veracidade à poesia sequente. Não deixá-las perdidas no espaço.

Concepções que vão se superpondo e de repente: Eureka!

Surge a ideia de reuni-las em um livro.

Estaria pronto para escrevê-lo?

E agora, sem que eu imaginasse, percebo que estou sentado em frente ao computador compondo o que pode ser um livro.

Dou preferência a poemas com rimas. A rima enriquece a poesia, torna-a saborosa. Dá-lhe consistência. Sei que não é obrigatória, mas força-me a pensar, a procurar. Encontrar a rima adequada que complete um raciocínio sem tirar a substância do verso. É uma fase da poesia. Um consultar de dicionário, uma olhada nas rimas sugeridas por algum programa na internet, um descobrir como encaixá-la e torná-la assimilável, sem quebrar a ideia e o conteúdo.

Ir e vir. Desistir e voltar. É um jogo atraente a ser enfrentado e vencido. E quando concluída... que satisfação nos dá!

Não há necessidade de rimar cada estrofe, às vezes uma frase complementada com rima, ao final de cada estrofe, pode ser um anexo favorável. Segue um exemplo:

Sobre o tempo

Como seria bom...

*Se permanecêssemos eternamente crianças,
Brincando alheios, em rodas de danças,
Envolto na inocência do desconhecimento,
E o tempo passando mais rápido que o vento,*

Imaginando que tudo é felicidade.

*Se a intrigante juventude se eternizasse,
Não permitindo que o tempo voasse,
Superando incólumes desafios e perigos,
Cercados de inseparáveis e fieis amigos,*

Sempre vencendo a vulnerabilidade.

*Se ficassemos permanentes na maturidade,
Como se tudo dependesse de nossa vontade,
Enfrentando confiantes projetos jamais vistos,
Imaginando-nos longe de medos e riscos,*

Já que possuidores de tempo, decisão e autoridade.

*Se conservássemos nossa longevidade,
Que, como o vinho, melhora sua qualidade,
Amadurecendo, repousados na adega desta via,
Em esplêndido ignorar do que nos espreita e vigia,*

Lutando contra o tempo que não nos dá tal liberdade.

* * *

Mas, neste relato, também há poemas livres, isentos de minhas queridas rimas. Portanto não sou totalmente um crítico negativo desses poemas. Segue-se a prova:

Sem título

*Pretendes compor uma poesia?
Mas tens dificuldade de estruturá-la?
Não te preocupes. É fácil.
Precisas de três elementos fundamentais:*

*Um suave e romântico sopro de inspiração,
Um coração emotivo pronto a suspirar,
E uma lágrima pronta a correr.
Não é necessário que estejas amando.
É preciso simplesmente que tu saibas amar.
Uma rima não é imprescindível,
Mas tornaria a poesia mais crível.
Reserve uma surpresa para o final,
Quem sabe, uma preciosa informação encoberta.
Se conseguires utilizar todos esses recursos,
Não necessitas de mais nada para compor.
Apenas um título*

* * *

Uma fuga ao proposto, o subconsciente me fez incluir uma inesperada rima neste poema, que não deveria tê-la. É o hábito. Não tenho como escapar, como um viciado, sou dependente delas. Acreditei que como diz a lenda (ou é verdade?), que o homem seria justificado futuramente, tendo um filho (prole), plantando uma árvore e escrevendo um livro.

De repente, percebo que cumpri os três compromissos.

Tenho certeza que completei os dois primeiros com sobras.

A decisão sobre o último fica por conta do leitor ao final.

Pretensão para os dois primeiros? Uma exigência desnecessária e sem fundamento para o terceiro?

Uma soma de pequenos pecados. Realmente, tenho dificuldade para aprender.

O que acabei ao final percebendo, depois de ter cumprido os três compromissos, foi que, na sequência deles, surgiram consequências inesperadas.

Baseado nelas, passei a escrever assuntos diversos que passam a ser justificados no correr deste relato.

Justificativas

Quando finalmente concluí que nada havia a acrescentar, dei como terminada a empreitada. Então era necessário encontrar um nome que o justificasse. Era preciso que o título fornecesse uma indicação do conteúdo do mesmo, e que não caísse no comum, como *Memórias* ou algo similar. Após meditar, deduzi que o melhor seria o título de *O Quarto Compromisso*. Como os três primeiros compromissos já foram plenamente comentados na introdução, resta explicar o quarto.

Este não é um livro policial, mas não custa deixar uma interrogação a ser esclarecida no final. Uma tática dos escritores de temas policiais de esclarecer a dúvida somente ao final. Talvez isto estimule a curiosidade e obrigue o leitor a permanecer atento à procura da solução, mesmo que entediado.

Entretanto o que virá a seguir tem apenas uma relação indireta com a designação dada. Como já afirmei, ter um filho é prazeroso, plantar uma árvore é fácil. A grande dificuldade é escrever um livro. E este livro é um conjunto de recordações e pensamentos livres.

Durante o meu caminhar, tive experiências acumuladas, algumas situações que mereciam ser contadas, por serem curiosas ou por representarem momentos de destaque deste andarilho. Episódios esporádicos no meio de tantos acontecimentos vividos, mas que valeriam a pena ser descritos. Poderiam ser definidos como “memórias entrecortadas”. Fatos isolados pinçados do arquivo mental que insistiam em ser revelados e aguardavam o momento adequado para se mostrarem plenos. Havia também elucubrações dispersas, pensamentos esparsos, frutos de uma mente sempre insatisfeita e à procura de novas realizações.

E somado a estes detalhes um sem número de poesias produzidas em diferentes épocas, algumas escritas com a paixão

própria da juventude, outras filosóficas ou irônicas, além daquelas que representaram oportunidades presenciadas ou vividas, e finalmente as que simplesmente brotaram espontâneas, sem que houvesse um motivo mais tangível. Muitas delas guardadas por anos, sigilosa e envergonhadamente no fundo de alguma gaveta, devido à preocupação de se mostrarem inconsistentes, primitivas ou insossas.

Todo este conjunto: autor, estórias, histórias e poemas, afinal, resolveu sair do anonimato, assumir coragem e se mostrar, criar vida e sair por aí, da forma a mais petulante possível.

Percebi o quanto havia para escrever e que não se resumissem apenas nos três compromissos originais citados. Havia recordações que me fortaleceu a decisão de que o momento havia chegado. Deixar de lado a timidez e a insegurança e colocar em linhas o esquema do livro que estava pronto em minha mente e fazendo uma pressão constante para se libertar do cativo.

É o que procurarei fazer. Estes escritos estão divididos em quatro partes.

Parte 1

Recordações de momentos isolados, pois não significam o correr de uma vida, mas simplesmente capítulos ocasionais que pudessem despertar interesse. Depois de cada capítulo, foi encaixado um poema que tivesse relação direta com o texto. Ou seja, algo que desse um fecho adequado ao escrito. Redações que procuraram representar a verdade existencial concluídas com um verso que resumisse a essência do conteúdo descrito.

Parte 2

Esta seção recebeu um raciocínio inverso ao anterior. As poesias estavam prontas há tempos na tal gaveta envergonhada, e baseado no conteúdo delas procurei criar um texto que tivesse

uma relação direta com o escrito. São redações fruto de divagações e pensamentos aleatórios. Mas as poesias procuraram ser verdadeiras.

Parte 3

Poemas que foram escritos em diferentes épocas e que significaram emoções ou pensamentos variados e, por serem simples ou óbvias, não requereram textos mais elaborados. Ou faltou uma imaginação consistente para produzi-los.

Parte 4

Durante anos escrevi cartões de Natal, aos amigos e parentes, sempre procurando oferecer uma mensagem de fundo religioso, ou algo que tivesse relação com a data. Anexeí algumas de que mais gosto: memórias parceladas, divagações inconsequentes, poemas soltos e mensagens de Natal.

Parte 1

Memórias

